



Ministério da Saúde
FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ICICT
Instituto de Comunicação e Informação
Científica e Tecnológica em Saúde

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM INFORMAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA EM SAÚDE

GESTÃO DE PROCESSO PARA SOCIALIZAÇÃO DA INFORMAÇÃO AUDIOVISUAL EM SAÚDE

por

VIVIANE ALMEIDA DA SILVA

**Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica –
ICICT/FIOCRUZ**

Projeto apresentado ao Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde da Fundação Oswaldo Cruz como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Informação Científica e Tecnológica em Saúde.

Orientador (es): Maria Cristina Soares Guimarães, Doutora em Ciências da Informação.

Rosinalva Alves de Souza, Mestre em Comunicação Imagem e Informação.

Rio de Janeiro, Novembro de 2008

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	3
2.	JUSTIFICATIVA.....	8
3.	REFERENCIAL TEÓRICO.....	11
4.	OBJETIVOS.....	15
5.	METODOLOGIA	16
6.	RESULTADOS ESPERADOS	17
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18
8.	CRONOGRAMA	20
9.	ORÇAMENTO.....	21

1. INTRODUÇÃO

O cinema e o audiovisual nos dias de hoje são fenômenos abrangentes, e condicionam de uma forma positiva ou negativa a nossa atitude e concepção do mundo. “*O filme pode ser uma reconstrução da realidade e o cinema aparece como uma “janela” que nos torna testemunhas da ação.*” (MORIN, 1970). A imagem na sociedade contemporânea é fundamental, uma vez que, vivemos a era do visual.

De uma forma nem sempre “educativa”, é sabido que a televisão exerce alguma influência sobre seu público, ora disseminando novos valores, abordando assuntos “polêmicos”, gerando discussões, reinventando modelos de comportamento etc. Com o cinema não é diferente: com mais de um século de existência, até hoje, tem influência direta em vários setores da sociedade. O cinema não é mais visto apenas como forma de lazer, mas de conhecimento e engrandecimento para o ser humano. É considerado também, como uma linguagem audiovisual bastante complexa, pois tem a capacidade de avançar e retroceder, transpondo as barreiras do espaço e do tempo. Tem um alto poder de sugestão; entusiastas acreditam que jamais poderá ficar fora do processo de formação das gerações presentes e futuras.

A imagem em movimento, como via de regra, em suas mais diferentes linguagens, se propõe a contar histórias, quer sejam reais e/ou fictícias, adentrando numa busca de tentar retratar fatos do cotidiano, sejam em quais campos forem. Isto também ocorre com o cinema, pois através de seus recursos tem a habilidade de misturar fantasia, sonho e realidade e, além de divertir e entreter é também utilizado como objeto de pesquisa, desempenhando assim um papel importante que influencia a percepção, contribui na construção de relações que permitem ampliar o conhecimento de si e do outro, de criar coisas novas, de ter diferentes interpretações de uma mesma vivência e experiência.

O cinema, enquanto mídia/linguagem é considerado um grande veículo de disseminação da informação, amplamente utilizado em vários campos do conhecimento. Acredita-se, dessa forma, que o cinema pode ser considerado tanto como instrumento como um objeto de intervenção educativa, ou seja, “a educação pode abordar o cinema como instrumento, objeto de conhecimento, meio de comunicação e meio de expressão de pensamentos e sentimentos” (FANTIN, 2006).

Por seu estatuto representativo, RIVOLTELLA, 1998, destaca que:

A relevância educativa do cinema a partir da validade *alfabética ou instrumental* (compreender a aprendizagem da gramática e sintaxe da linguagem da imagem audiovisual ou cinematográfica, tanto no sentido do consumo quanto no da produção); *cultural* (reconhecer o cinema como expressão cultura própria do nosso tempo, junto com a arte e a literatura e seus juízos estéticos e críticos); e *cognitiva* (descobrir o cinema como espaço de pesquisa histórica voltada para a realidade política e social contemporânea).

De alguns anos para cá, o cinema digital se transformou num mito moderno. O advento da chamada "era digital" tem causado transformações intensas na forma de produção e provavelmente causará na forma de distribuição dentro de poucos anos. É difícil fazer qualquer previsão com total certeza, mas é entendimento comum que algumas dessas questões já estão alterando, na prática, a maneira de se “fazer cinema”, sejam estes as superproduções hollywoodianas ou as amadoras ou independentes no mundo todo. Esse “novo fazer” vem embalado pelas recentes possibilidades tecnológicas, traduzidas em ferramentas digitais que instauram uma “nova ordem” nas produções audiovisuais, principalmente pelo barateamento dessas produções.

Um exemplo prático dessas transformações pôde ser notado durante a V edição da Mostra VideoSaúde, evento promovido pelo Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica – ICICT/FIOCRUZ que tem, entre seus objetivos, proporcionar acesso público à informação em saúde para um público diversificado. A diversidade de abordagens sobre temas da saúde, assim como a pluralidade de linguagens e de gêneros se fazem cada vez mais presentes nessas Mostras, cujos trabalhos passam a integrar o acervo da VSD e que são disponibilizados para a sua clientela. Na ocasião da citada Mostra foram aceitos vídeos produzidos entre 2003 e 2008, em qualquer formato. Ao todo, a VideoSaúde Distribuidora recebeu 313 inscrições nos mais variados formatos, desde analógicos a digitais com uma considerável predominância neste último suporte, ou seja, dos 313 trabalhos inscritos 220 foram na mídia digital.

É sabido que desde os primórdios da produção cinematográfica a indústria do cinema sempre foi considerada, inclusive pelos próprios produtores e diretores, um poderoso instrumento de educação e instrução.

“Uma das propostas mais conhecidas do uso da sétima arte para fins educacionais, é creditado a Thomas Edison no início do século 19, que vislumbrava que o cinema estava destinado a revolucionar o sistema educacional” (Barato, 2002).

As alianças entre saúde pública, cinema e educação emergiram inicialmente no continente europeu, palco de um projeto de “desenvolvimento e modernização” das nações. “Modernidade” era tomada como sinônimo de “desenvolvimento”: sem educação não há progresso; sem saúde, não há mão-de-obra para o progresso (artigo: Educação sanitária em 16 mm: Memória audiovisual do Serviço Especial de Saúde Pública – SESP, Maria Cristina Guimarães, Cícera Henrique da Silva, Rosinalva Alves de Souza, 2008).

No Brasil, registra-se que nos anos 30 já se configurava um esforço do uso da imagem em movimento voltado para a educação em ciências, para a divulgação de temas científicos e tecnológicos ou para a difusão de informações sobre algumas das principais instituições científicas do país, atividade que se intensificou com a criação, em 1936, do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE). Muitos desses filmes produzidos pelo INCE eram distribuídos para escolas espalhadas pelo país (Ferry, 2003).

Ao longo das últimas décadas, algumas transformações vêm ocorrendo no que diz respeito à orientação pedagógica das escolas, voltadas a um ensino mais moderno e dinâmico, tanto no que se refere à motivação, quanto em relação à aprendizagem. Assim, o uso de filmes na sala de aula expressa a confirmação das transformações alcançadas pela escola contemporânea. A contextualização dos acontecimentos é uma maneira de estimular os alunos a desenvolverem sua capacidade crítica e a melhorar sua percepção do mundo.

Muitos educadores têm alertado com freqüência que as novas gerações são eminentemente visuais e que, certamente, isso acarreta para a educação a necessidade de preparar os estudantes para aprender a ler não apenas textos, mas também fotos, quadros, filmes etc.

Considerando o potencial pedagógico da imagem em movimento, como também o seu aspecto cultural, o senador Cristovam Buarque apresentou, em junho de 2008, ao Senado Federal, o Projeto de Lei 185/8 que estabelece a exibição de filmes nas escolas, especialmente os nacionais, como componente curricular de complemento à proposta pedagógica das escolas. Reforça em seu texto que a arte deve ser parte fundamental do processo educacional nas escolas. A ausência de arte na escola, além de reduzir a formação dos alunos, impede que eles, na vida adulta, sejam usuários dos bens e serviços culturais; tira deles um dos objetivos da educação, que é o deslumbramento com as coisas belas. O projeto está em tramitação no Congresso.

A VideoSaúde com seus 20 anos de existência, é considerada um espaço privilegiado de disseminação de informação audiovisual em saúde, não só pela singularidade de seu acervo como pela amplitude e diversificação do público que atende. É considerada a mais abrangente estratégia de compartilhamento de produção audiovisual em saúde dos mais diversos perfis e origens de autoria de que se tem notícia. Possui um acervo constituído por cerca de 4 mil títulos e atende uma média de quatrocentas solicitações de cópias por mês, e cerca de trezentos novos títulos são incorporados ao acervo anualmente.

É nessa confluência que se situa a proposta aqui apresentada, ou seja, na análise do potencial que o acervo da VideoSaúde apresenta como pólo disseminador de conteúdos audiovisuais para uso no campo da educação. Portanto, o projeto volta-se para um diagnóstico do uso que vem sendo feito do acervo para fins de educacionais, por meio da identificação da demanda real (usuários/clientela) para reprodução das mídias. Espera-se, assim, poder desenvolver estratégias que possibilitem uma política de divulgação do acervo mais centrada em atividades educacionais, especialmente para escolas de ensino médio, públicas ou privadas.

2. JUSTIFICATIVA

O tema “cinema na escola” ou “cinema e educação” não é um fenômeno recente, mas de alguns anos para cá tem estado mais em evidência, especialmente graças a ferramentas como o DVD, Internet e a própria televisão que, pelo aumento do poder de difusão, ampliou em muito a audiência potencial. Na Internet é possível encontrar centenas de páginas que se dedicam a este tema. Vale a pena citar dois exemplos, aparentemente bem sucedidos, que são o programa Cine Conhecimento, exibido pelo Canal Futura, que parte da idéia de que sempre é possível aprender ao se assistir um bom filme ou programa de TV. O programa apresenta filmes de vários países e diferentes diretores, que focam questões atuais e primam por aspectos como técnicas, detalhes de produção, história, análise de linguagens, assim como a busca pela compreensão de comportamentos e diferenças culturais a partir de contextos apresentados no filme.

O segundo exemplo vem através da rede pelo portal *Planeta Educação*, que possui uma coluna chamada Cinema na educação, tendo lançado recentemente o blog “Aprendendo com a sétima arte”, no qual os idealizadores dispõem materiais sobre o tema como recursos oferecidos a educadores e estudantes. A página tem um quantitativo de acesso diário muito representativo. Além disso, o *Planeta Educação* ainda presta serviços na área de cinema na escola na cidade de Bertiooga/SP, com a disponibilização de equipamentos, recursos didáticos e cursos de formação (palestras e oficinas) aos educadores das escolas municipais daquela rede de ensino.

Dado a produção audiovisual no Brasil, e mais particularmente aquela dirigida para o campo da saúde, especialmente pela própria criação e sustentabilidade da Mostra VideoSaúde, é lícito supor que há espaço para a elaboração de uma bibliografia sistematizada sobre o tema, e sua posterior oferta para o setor de ensino, contribuindo dessa forma para estimular o uso de filmes na educação.

Nesse sentido, o acervo da VideoSaude é uma fonte privilegiada para esse estudo exploratório.

A VideoSaúde Distribuidora (VSD) é responsável pelo trabalho de pesquisa, captação, catalogação, tratamento, produção e distribuição de audiovisuais sobre saúde na Fiocruz. Criada em 1988, teve seu início marcado pelo compromisso de promover o diálogo entre o mundo científico e acadêmico e outros espaços sociais, bem como imprimir uma abordagem prática da comunicação sob a ótica da saúde pública, tendo futuramente ampliado sua proposta de atuação e ação.

Ao longo desses anos, a VSD conseguiu consolidar um *know-how* na área de audiovisuais sobre saúde, considerada seguramente a única experiência no Brasil nesta área, e que conta com quatro mil usuários cadastrados em todo o país, entre organismos e instituições do SUS, entidades privadas, escolas, estudantes organizações não-governamentais e comunitárias.

Entretanto, a despeito de todo o amplo acervo e seu uso real e potencial, ainda não se dispõe de um diagnóstico e um perfil mais detalhado do padrão (se houver) entre tipologia de usuários e temáticas dos audiovisuais distribuídos. A idéia que se defende aqui é que, uma vez identificado um suposto padrão de uso de audiovisual para a educação, seria possível pensar em estratégias de divulgação do acervo mais focadas para as escolas, auxiliando assim no maior aproveitamento do acervo para fins educacionais.

De acordo com Tânia Santos (coordenadora da VSD), o usuário é o ator que sempre interfere na concepção de qualquer produto da VideoSaúde, pois “*é ele quem nos mostra o caminho, que nos dá o retorno rápido daquilo que colocamos na rua*”. Ressalta que o vídeo é utilizado em várias ocasiões, ora como material educativo, ora como veículo de discussão. Assim sendo, a proposta não é o audiovisual ser um complemento, mas um motivador.

Uma das ferramentas utilizadas pela VSD para promover o diálogo constante entre produtores, exibidores e usuários são as Mostras Nacionais de Vídeos em Saúde, que em 2008 atingiu sua quinta edição. Segundo a coordenadora do evento, a preocupação é reconhecer quem produz, mostrar o que se produz e descobrir para quem se produz. Essa fala legitima a importância, proposta deste projeto de se pensar numa estratégia de educação junto a esse cliente que seja também capaz de promover uma formação em audiovisual.

A professora Ludmila Cavalcanti, da Escola e Serviço Social da UFRJ, usuária da VideoSaúde desde 1995 diz que o uso dos vídeos vem potencializando discussões, fixando conteúdos e facilitando a articulação entre ensino, pesquisa e extensão universitária (Entrevista à Revista Radis).

Já há alguns anos, independente da ação de políticos e legisladores, algumas universidades públicas e privadas, bem como escolas de nível médio, muitas das quais clientes da VideoSaúde, passaram a sugerir e até mesmo a inserir, o audiovisual em suas práticas pedagógicas, reconhecendo o valor e relevância cultural que a experiência do uso do vídeo para a sala de aula.

Do melhor do nosso conhecimento é possível afirmar que o tema educação pelo audiovisual é um dos grandes desafios dos educadores, pois além de meio de comunicação e expressão, propicia uma melhor visão do mundo, colabora na formação em valores de cidadãos conscientes, críticos e reflexivos em relação à sociedade onde vivem. Acredita-se que o processo tradicional de ensino não é capaz sozinho de realizar esta tarefa, está além de suas possibilidades. Hoje, a educação precisa ultrapassar a sala de aula e atender às necessidades imediatas da sociedade.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O cinema está presente na educação há muito tempo, sendo um dos eixos sobre os quais a mídia-educação está centrada, pois o cinema está presente na educação desde a década de 30 com presença marcante na década de 60, especialmente através da edição de revistas especializadas no assunto e também a partir de experiências em associações culturais como cineclubes, círculos de cinema, que envolviam a projeção de filmes para um público com um projeto educativo e de sensibilização em relação ao cinema. (Fantin, 2002).

Educadores defendem a teoria de que o cinema é uma ferramenta importante para o desenvolvimento da aprendizagem, num momento formal e informal, proporcionando ao aluno experimentação, descoberta, invenção, aprender e conferir suas habilidades. Além do que, estimula a curiosidade, a autoconfiança e a autonomia, propiciando o desenvolvimento da linguagem, do pensamento, da concentração e da atenção.

Fantin (2006), destaca que diversos autores argumentam em favor da inserção do cinema no ensino e inúmeras experiências em diferentes contextos socioculturais demonstram a importância da relação cinema-educação. Corrobora sua fala ao citar Alain Bergala (Cahiers du Cinema, 2002), que defende a presença da arte na educação enfatizando que a escola deve ser um lugar de encontro com o cinema como arte, pois entende o filme como “traços de um gesto de criação”. E destaca que nessa relação cinema-educação, texto e contextos se inter cruzam e o texto fílmico será um “dispositivo que opera a partir de uma rede de saberes sociais”.

Marcos Napolitano destaca no seu livro, *Como usar o cinema na sala de aula*, (2006) destaca que:

“Há mais de um século o cinema encanta, provoca e comove bilhões de pessoas em todo o mundo. Dentre estes bilhões de pessoas que regularmente foram, vão e irão assistir a filmes na sala escura do

cinema, certamente estão incluídos milhões de professores e alunos, e acrescenta: Apesar de ser uma arte centenária e muitas vezes ao longo da história ter sido pensado como linguagem educativa, o cinema ainda tem alguns problemas para entrar na escola”.

No artigo *Possibilidades Pedagógicas do Cinema em Sala de Aula*, Suely Amorim de Araújo (2007), lembra que desde os anos 10 do século passado já se travava uma intensa reflexão sobre o uso do cinema como instrumento a serviço da educação do homem, do povo e da transformação social. Em sua opinião, ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto à leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais.

A esse respeito, a autora assim se expressa :

“Dentro do contexto da utilização do cinema como veículo, ferramenta de ensinar temos a oportunidade de focar aspectos históricos, literários e cinematográficos, seja de forma separada e/ou em conjunto. Através destas possibilidades podemos trabalhar com os temas transversais estabelecidos pelos parâmetros curriculares nacionais (PCN), estes constituem uma possibilidade do saber, da memória, do raciocínio, da imaginação, e da estética, entre outros, ou seja, de integração dos saberes. Trata-se, portanto de assistir filmes com intenção pedagógica e não para formar meros cinéfilos” (ARAUJO, 2007).

Para o professor da FEUSP, Amaury César Moraes (s/d), que analisa a escola vista pelo cinema, atenta para o fato de que os filmes têm sido tratados mais como

meios (recursos) e menos como objetos de ensino quando trazidos à escola básica e que raramente são explorados no seu potencial de veículo das representações sociais. Menos ainda no que se refere à pesquisa sobre o imaginário social. Morin (1970), dizia que a linguagem cinematográfica possui alguns recursos que permitem que essas relações entre filmes e imaginário social se efetivem. Por exemplo, é possível reconhecer uma identificação entre a vida dos personagens e a nossa vida, ou uma oposição entre os valores de alguns personagens – os vilões, por exemplo – e os nossos valores – ou os recomendados.

Com as novas tecnologias em audiovisual – e é importante destacar aqui o advento do digital – o conceito de cinema tem uma proposta muito mais ampla do que considerariam os vanguardistas da sétima arte. Essa teoria é corroborada pelo cineasta Maurice Capovila (fala retirada do vídeo CONEXÕES MOVIMENTO SOCIAL, EDUCAÇÃO POPULAR E CINEMA) que diz que cinema é um formato de linguagem, mas quando se fala em cinema, se fala em audiovisual, de modo que quando pensamos cinema pensamos como meio, como recurso, numa técnica, numa tecnologia que tem uma linguagem comum a qualquer suporte audiovisual, da imagem em movimento. Adepto do método Paulo Freire, Maurice Capovila entende o cinema como produção do conhecimento, como meio de circulação de informação e acredita que o cinema muda a forma de ver o mundo e defende que deve ser disciplina obrigatória no ensino médio por haver uma dialética ali presente, propondo uma alfabetização em audiovisual.

Apesar de conhecido o fato de que o cinema teve um papel bastante modesto nos sistemas educacionais, atualmente se tem muito em perspectiva que esse quadro mude gradativa e significativamente. O cinema tem se apresentado como uma proposta educativa evidente, quando representa um instrumento de mudança social, pelas vias das técnicas e da ciência. Considerado como uma ferramenta educacional, tem a oportunidade de inserir na sala de aula como possibilidade do

processo educacional percorrendo etapas como: impressão da realidade, identificação e interpretação.

É possível prevê que, para além do caráter pedagógico, se tenha também, em perspectiva, a formação de futuros cinéfilos.

4. OBJETIVOS

Geral:

Fazer um diagnóstico do uso que vem sendo feito do acervo da VideoSaúde Distribuidora para fins educacionais, por meio da identificação da demanda real (usuários/clientela) para reprodução das mídias, em caráter exploratório e dentro do período de um (1) ano.

Específicos:

- Levantar documentação sobre pedidos de requisição de reprodução de mídias;
- Identificar variáveis/campos do formulário de requisição que podem ser usados para identificar usuários (instituições de ensino) e temáticas de filmes solicitadas.
- Elaborar uma matriz que permita identificar temáticas mais procuradas, por região geográfica e tipologia de instituição (pública e/ou privada);
- Desenvolver estratégias que possibilitem uma política de divulgação do acervo mais centrada em atividades educacionais, especialmente para escolas de ensino médio, públicas ou privadas.

5. METODOLOGIA

Para a consecução dos objetivos descritos, serão cumpridas as seguintes etapas:

1. Inicialmente será feita uma análise documental, via formulário de solicitação para aquisição do produto videográfico feita pelo solicitante que é nominado de usuário, no intuito de identificar: quem é o requisitante (pessoa física e/ou jurídica), título do filme, temáticas mais recorrentes, etc;
2. Levantar informações relevantes para a pesquisa tais como: os títulos e frequência de pedidos, na tentativa de identificar quais gêneros atendem melhor a demanda clientela, a partir do levantamento da tipologia dos filmes do ponto de vista da classificação, a exemplo de documentários, institucionais, ficção, etc.
3. Cumprida a etapa anterior, trabalhar na construção de um perfil institucional: Qual o tipo de usuário que solicita mais especificamente determinado tema? Nos casos dos vídeos com finalidades educativas, que instituições demandam mais e com qual frequência? Como esse material é utilizado como prática pedagógica? Qual a tradução, em números, dessa oferta/procura em instituições de ensino, principalmente nas escolas de ensino médio e fundamental, pública e privada.
4. A partir da reunião e sistematização dessas informações, pensar em estratégias mais arrojadas e eficazes, que sejam capazes de otimizar o processo de divulgação e estímulo do uso frequente do audiovisual nas escolas.

6. RESULTADOS ESPERADOS:

- Obter subsídios que possam contribuir para tomada de decisões e na elaboração de estratégias para divulgação e estímulo da utilização dos vídeos do acervo VideoSaúde nas unidades de ensino;
- Criar mecanismos de identificação de temas não incorporados ao acervo e de interesse dos usuários que possam ser utilizados como fonte de pesquisa nas redes de ensino;
- Criar mecanismos que intensifiquem a interação entre essas instituições de ensino e a VideoSaúde;
- Identificar atividades da VideoSaúde que intensificam essa interação e a procura de novos vídeos;
- Criar mecanismos que informe aos usuários sobre novos títulos incorporados ao acervo VideoSaúde.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 07-31.

BELOTTI, R. “A Sétima Arte na Educação”. **Cinevídeo Online**, Curitiba, Abril. 2008. Disponível em: <<http://www.cinevideo.com.br>>. Acesso em: 09 out. 2008.

FANTIN, M. Crianças, cinema e mídia-educação. **MIDIATIVA - Centro Brasileiro de Mídia para Crianças e Adolescentes**, Santa Catarina, Março. 2006. Disponível em: <<http://www.midiativa.org.br>>. Acesso em: 11 set. 2008.

_____. Mídia-Educação e Cinema na Escola. **Teias**, Rio de Janeiro, ano 8, p. 15-16, Jan/Dez. 2007.

ARAÚJO, A, S. Possibilidades pedagógicas do cinema em sala de aula. **Rev. Espaço Acadêmico**, São Paulo, vol. 79, Dez. 2007. Disponível em: <<http://www.espacoacademico.com.br>>. Acesso em: 11 set. 2008.

CATELLI, E, R. Cinema e Educação em John Grierson. **Mnemocine – memória e imagem Online**, São Paulo, Out. 2003. Disponível em: <<http://www.mnemocine.com.br>>. Acesso em: 13 Set. 2008.

MORRONE, M, L. **Cinema e educação**: a participação da “imagem em movimento” nas diretrizes da educação nacional e nas práticas pedagógicas escolares. São Paulo: FEUSP, dissertação de mestrado, 1997.

DANTAS, L, A. **O cinema como ferramenta pedagógica no ensino médio**. Londrina: CS/FPL, trabalho para obtenção do título de bacharel em comunicação, 2007.

MORAES, C, A. **A Escola Vista pelo Cinema**. São Paulo: FEUSP, 1997. Disponível em: <<http://www.hottopos.com.br>>. Acesso em: 11 Set. 2008.

MONTEIRO, M. **Cinema na Escola**: a vocação educativa dos filmes. Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: <<http://www.tvebrasil.com.br/SALTO/boletins2002>>. Acesso em: 11 Set. 2008.

RIBEIRO, J. Importância sociológica do cinema. **A página da educação**, São Paulo, v. 114, p. 46-48, Jul. 2002.

FONSECA, R. Projeto de lei de senador cria sessões mensais de filmes brasileiros na escola pública, para formar platéias. **O Globo**, Rio de Janeiro, 19 Jun. 2008. Caderno Cultura, p. 2-3.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de Dezembro de 1996. Es tabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, v. 134, n. 248, 23 Dez. 1996. seção 1, p. 27834-27841.

MORIN, E. 1970. **O cinema ou o homem imaginário**. Moraes, Lisboa.

RIVOLTELLA, P, C. **Come Peter Pan. Educazione, media e tecnologie Oggi**. Gráfica Santhiasese Editrice, Santhià (VC) 1998.

FERRY, M, A. **O uso de estratégias na transferência de informação nos vídeos em saúde**. Rio de Janeiro: UFRJ, tese de doutorado em ciências da informação, 2004.

BERGALA, A. **Cinema: história de cinema pelos fotógrafos da Magnum**. 1ª ed. s. I.; R. Janeiro: Nova Fronteira, 1994. 357p.

BARATO, J, N. **Escritos sobre tecnologia educacional & Educação profissional**, ed. Senac, 2002, 286 p.

SANTOS, T. **VideoSaúde – V mostra nacional de vídeos**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2008,

8. CRONOGRAMA (ANO INÍCIO) - 2009

Discriminação	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SET	OUT	NOV	DEZ
Análise dos pedidos de cópias feitos pelos usuários.	X	X	X									
Identificar quais os títulos mais pedidos.				X	X							
Mapear as demandas na áreas de educação.						X	X					
Análise dos dados.								X	X			
Traçar um perfil institucional.										X		
Definir estratégias de divulgação e estímulo para utilização nas unidades de ensino.											X	X

9. ORÇAMENTO

Para execução deste projeto, além dos recursos humanos já existentes na área, será necessária a necessidade de acesso à internet, já disponível na instituição, aquisição de material de consumo (papel, cartucho, etc).

Itens	Valor
Material de Consumo	R\$ 900,00
Total Geral	R\$ 900,00

